

maio 2023

Estudo Formativo
ED-Comunicar:
do Conhecimento
à Mobilização

A urgência
de ler o mundo:

Interdependências e Globalização



ED Comunicar
Do conhecimento à mobilização

A coleção Estudos Formativos ED-Comunicar

A urgência de ler o mundo – Estudos Formativos ED-Comunicar é uma coleção de seis estudos de Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global (EDCG). Convida a renovar e atualizar o olhar sobre realidades e questões nevrálgicas que, não sendo novas, permanecem como desafios estruturais das sociedades globalizadas em que vivemos hoje: Pobreza e Desigualdades; Justiça Social; Desenvolvimento; Interdependências e Globalização; Cidadania Global; Paz.

Os seis temas que serão tratados ao longo dos Estudos Formativos ED-Comunicar derivam do Referencial de Educação para o Desenvolvimento (2016), doravante designado Referencial de ED, documento orientador e de enquadramento da intervenção pedagógica da EDCG, na educação pré-escolar e ensinos básico e secundário. Assim, cada estudo procurará aprofundar e atualizar a forma como estes temas são tratados no Referencial de ED. Enquanto este foi especificamente concebido para educadores/as e escolas, esta série de seis estudos trazem propostas que

procuram alargar a abrangência do Referencial para novos públicos.

Esta coleção é um dos resultados do projeto “ED-Comunicar: do conhecimento à mobilização”, cofinanciado pelo Camões, I.P., coordenado pela ADRA Portugal e implementado em parceria com sete ONGD portuguesas: AIDGLOBAL, Associação Par – Respostas Sociais, Fundação Cidade de Lisboa, Fundação Gonçalo da Silveira, Instituto Marquês de Valle Flôr, Mundo a Sorrir e Rosto Solidário.

O objetivo central do projeto é promover a afirmação e apropriação da EDCG em Portugal, no sentido de contribuir para processos de transformação social com vista a uma sociedade mais democrática, participativa e justa. Dirige-se prioritariamente a atores do desenvolvimento, das organizações da sociedade civil, das autarquias e da comunicação social, bem como à população em geral.

ÍNDICE

I

P. 10 Do senso comum à compreensão das interdependências e da globalização

P. 11-15 *Que implicações pode ter, compreender melhor estes conceitos?*

P. 15-20 *Origens e ritmos da globalização*

P. 20-22 *Interdependências em números e factos*

2

P. 23 Do Pensamento e das Emoções Binárias à Familiarização com a Complexidade

P. 25-26 *A aceleração das interdependências e os limites da humanidade e do planeta terra*

P. 26-33 *O exercício de pensamento sistémico, crítico e exploratório*

P. 34-35 *Exigências cognitivas e emocionais para navegar em tempos incertos – o meu barómetro*

P. 4 Glossário

P. 4 Agradecimentos

P. 5 Prefácio

P. 6-9 *A urgência e as implicações de melhor compreender este tema*

3

P. 36 Agendas, manifestos e utopias para a construção de futuros justos

P. 37-39 *A agenda internacional da Transição Justa*

P. 39-41 *O ‘Cuidado’ como prática e política*

P. 40-42 *A ‘Ternura Radical’ como convite*

P. 44 Posfácio

P. 44 Referências

Glossário

ADRA Associação Adventista para o Desenvolvimento, Recursos e Assistência

AIDGLOBAL Acção e Integração para o Desenvolvimento Global

BM Banco Mundial

ED Educação para o Desenvolvimento

EDCG Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global

ENED Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento

FGS Fundação Gonçalo da Silveira

FMI Fundo Monetário Internacional

GTDF Gesturing Towards Decolonial Futures (Gestos Rumo a Futuros Decoloniais)

IDH Índice de Desenvolvimento Humano

IMVF Instituto Marquês de Valle Flôr

ME Ministério da Educação

ODS Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONGD Organização Não Governamental para o Desenvolvimento

ONU Organização das Nações Unidas

PNUD Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

UE União Europeia

Agradecimentos

A elaboração deste estudo radicou num processo de aprendizagem colaborativo com a parceria do projeto, alargado à participação de fóruns de auscultação e reflexão diversos, no sentido de incluir visões e linguagens plurais. As autoras gostariam de agradecer a todas as pessoas que contribuíram para alimentar a reflexão que deu forma a este estudo: Ana Castanheira (IMVF); Ana Luísa Martinho (A3S); Beatriz Braga (ADRA); Carmen Maciel (ADRA); Catarina Gonçalves (Rosto Solidário); Dani d’Emilia (Coletivo GTDF - Gestos Rumo a Futuros Decoloniais); Eva Jesus (FGS); Jordi Estivill (A3S); Luísa Teotónio Pereira (especialista em EDCG); Bárbara Troca (Mundo A Sorrir); Mónica Santos Silva (IMVF); Sandra Fernandes (FGS); Sílvia Franco (FGS); Sofia Lopes (AIDGLOBAL); Rute Machado (Fundação Cidade de Lisboa); Vinícius Ramos (PAR Respostas Sociais).

Prefácio

Estaremos num momento histórico em que muitas das projeções científicas ou ficções futuristas do final do século XX, se tornam evidências estáveis, duradouras e, portanto, estruturais? Ou seja, que muitas das outrora projeções e ficções (sejam elas catastróficas ou auspiciosas, distópicas ou utópicas), fazem hoje parte das condições reais e efetivas de vida no dia-a-dia da humanidade? Estaremos a viver uma época em que os riscos então identificados se radicalizam, e em que as soluções se multiplicam e dispersam, sem formar caminhos claros? Será uma

questão de tempo para essas soluções se tornarem mais claras? Será que temos esse tempo tendo em conta a urgência da crise climática, entre outras?

Que capacidades estão hoje a ser exigidas de nós? Pensamento sistémico, pensamento crítico, pensamento exploratório, inteligência emocional, resolução de problemas complexos, exercício de dilemas éticos, flexibilidade e adaptabilidade constantes... Liderança transformadora. Resiliência? Resignação? Resistência? R, r, r...

Que sentimentos e emoções tendem a persistir

hoje em nós quando pensamos no mundo em que vivemos? Será que sentimos frequentemente o peso da falta de caminhos? Ou sentimos otimismo face ao futuro e perante as conquistas científicas e tecnológicas extraordinárias alcançadas pela humanidade?

A EDCG – Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global, contribui ativamente na procura de respostas.

A urgência e as implicações de melhor compreender este tema

O tema deste estudo - interdependências e globalização - pode parecer abstrato, teórico ou complexo, talvez mesmo pouco atrativo para muitas pessoas, redundante para outras pela banalidade com que recorrentemente se fala em globalização. Acreditamos que, para a maioria das pessoas que nos lê, seja relativamente simples de perceber do que se trata. Sabemos bem hoje, por inúmeros exemplos do nosso dia-a-dia, que existe uma interdependência entre a nossa vida quotidiana, o nosso local de residência, a nossa família e trabalho, e a escala global. Ou seja, o que acontece no extremo oposto do planeta pode afetar-nos na nossa casa, no nosso íntimo, e vice-versa. Vejamos alguns exemplos.

A guerra na Ucrânia mobilizou ondas de solidariedade por toda a Europa como reação imediata. Levou milhares de pessoas a sair do seu conforto para ajudar de qualquer forma. Teve também consequências ao

nível da inflação dos preços, com impactos nas vidas das pessoas em diversas partes do mundo.

As roupas que compramos e utilizamos de forma “descartável” (*fast fashion*) no Ocidente são frequentemente produzidas através da exploração do trabalho de pessoas noutras partes do mundo e, em resultado do seu desperdício, imensas lixeiras de têxteis acumulam-se em diferentes regiões do Sul, como o deserto de Atacama, no Peru, ou a África Sub-Sahariana¹.

A industrialização e o crescimento económico das zonas temperadas do hemisfério norte são responsáveis pela maior parte das emissões de carbono do planeta, mas são as zonas dos trópicos que têm sofrido as maiores consequências.

Este estudo parte da perspectiva de que a aceleração do fenómeno de globalização pressiona para uma urgência da nossa

incorporação do princípio da interdependência como instrumento de literacia para qualquer pessoa, no presente e no futuro.

Afirmar que vivemos um tempo histórico singular, diferentes de outros momentos históricos anteriores, pode suscitar diversas reações. Por exemplo, poderá haver opiniões que se polarizam nas ideias de que vivemos um tempo histórico onde a humanidade dispõe de um avanço tecnológico extraordinário, e que dispomos hoje de conhecimentos e instrumentos tecnológicos que nos podem ajudar a prever, controlar e ou criar alternativas que ajudem a enfrentar os grandes desafios e riscos que se colocam à humanidade. Temos recentemente o exemplo extraordinário da criação, em tempo recorde, das vacinas contra o coronavírus, que contribuíram para um controlo significativo da pandemia, perante as primeiras percepções e sentimentos de desproteção face a um ‘inimigo’ invisível, que não conhece

¹ Pode explorar mais esta problemática através do documentário “*Textile Mountain - the hidden burden of our fashion waste*” (2020) ou da Grande Reportagem SIC “*Obroni Wawu - A Roupa dos Brancos Mortos*” (2022).

fronteiras e com efeitos devastadores à escala planetária.

Simultaneamente, poderá haver opiniões que enfatizam perspetivas de que esses mesmos conhecimentos extraordinários, diagnosticam evidências crescentes de que podemos estar à beira do abismo ou da catástrofe, seja ela ambiental, pandémica, demográfica, nuclear ou outra.

Outras opiniões poderão argumentar, por exemplo, que, em todos os tempos históricos, as novas e as velhas gerações disputam visões do mundo, ora mais conservadoras, ora mais progressistas. Poderão defender que as fases de transição entre as gerações que assumem o poder de governação (económica, política, social, cultural) são recorrentemente marcadas por discursos onde emergem visões catastrofistas ou distópicas, perante a sua progressiva substituição pelas novas gerações.

Outras opiniões ainda (entre inúmeras outras – tantas quantas as que cada leitora poderá estar a equacionar para si próprio/a ao ler estas linhas) poderiam argumentar que a história da humanidade que se conta, é sempre a visão dos homens brancos ocidentais, onde uma multiplicidade de OUTRAS vozes e visões do mundo nunca é tida em conta. E que, portanto, para muitas das pessoas e povos no mundo a(s) sua(s) história(s) foram marcadas por outros episódios, noutras temporalidades, protagonizados por outras personagens, que foram muito mais determinantes para si e para o seu povo, do que aquilo que a chamada ‘História Universal’ relata.

Assim podem começar conversas de café ou debates entre amigos, familiares ou colegas, ou discussões acesas nas redes sociais. Todavia, importa ir para além das nossas noções e perceções gerais sobre os fenómenos que nos rodeiam e que vivenciamos, sem que

por vezes nos detenhamos a pensar sobre os mesmos. Há factos e há conhecimentos científicos debatidos, validados e sustentados por consensos alargados entre comunidades científicas, políticas e da sociedade civil. Conhecimentos que nos permitem compreender algumas características e condições efetivas de existência que vivemos no tempo presente, as quais nos podem permitir um melhor entendimento, uma melhor relação e uma melhor preparação para as tomadas de decisão quotidianas.

A classificação de épocas históricas, a sua denominação e a construção dos conceitos que as caracterizam - como neste caso o de ‘globalização’ -, é sempre suscetível de diversas perspetivas e contestações. O que é exatamente a globalização? Quando surgiu? Que evidências temos hoje deste processo? Como todas as teorizações e classificações, cada proposta explicativa tem uma maior ou menor capacidade de explicar a realida-



Dimensões
de EDCG

Ética

Transformação
Social

Organização
Coletiva

Territorialidade

de que cada um/a de nós conhece e vivencia. No caso deste estudo, elaboramos esta reflexão a partir de Portugal, na Europa e no âmago da designada ‘civilização ocidental’, a mesma que ambicionou escrever a ‘História Universal’. Hoje, no mundo globalizado que vivemos, onde as redes sociais assumem um grande protagonismo na comunicação, e no acesso de qualquer pessoa à ‘tomada da palavra’ no espaço público virtual (universal?), sabemos que a História da Humanidade já escrita não é uma História Universal.

Um primeiro convite deste estudo é para dar um salto. Um salto entre o senso comum e um conhecimento mais fundamentado na observação e análise crítica da realidade que nos envolve. É a esta tarefa que nos dedicamos no primeiro capítulo. Responderemos às questões gerais acima enunciadas sobre o que é a globalização, a partir da literatura científica e pedagógica atual sobre o tema. Mas procuramos ir mais

longe e responder também às questões de saber *que consequências tem compreendermos em maior profundidade o que é a globalização e as interdependências? Porque é relevante dedicarmo-nos à compreensão destes fenómenos?*

Se por acaso, as e os nossas/os leitoras/es forem já familiarizadas/os ou mesmo especialistas sobre os temas, o convite é ainda assim válido. O desafio não é apenas o de apreender conteúdos, será sobretudo e até mais, o de compreender a abordagem e o exercício que a EDCG propõe. Um exercício de reflexão regular, que nos ajuda a situar a cada momento e a atualizar a nossa leitura sobre as novidades ou os ‘ângulos mortos’ das nossas visões e convicções sedimentadas sobre o mundo.

O segundo convite deste estudo, ao qual dedicamos o segundo capítulo, é o de mergulhar nos desafios complexos dos destinos da humanidade e do planeta, bem como mergulhar na exploração de quais os ins-

trumentos cognitivos e emocionais que nos podem ajudar a enfrentar estes desafios. É o exercício de não desistirmos perante a complexidade, ambiguidade e incerteza com que nos confrontamos.

No capítulo três, o convite é deixar-se inspirar, através de agendas, manifestos e utopias que enfrentam estes desafios, o de treinar a competência de pensamento sistémico, crítico e exploratório.

Quem nos lê não tem que concordar conosco. Respeitando a singularidade de cada pessoa e dos seus processos de aprendizagem, a EDCG não é neutra. A EDCG propõe-se ‘arregaçar as mangas’ no empreendimento da construção individual, coletiva e global da justiça social, através de um caminho de exercício de ética e cuidado com os outros e o planeta.

Este é um convite a quem nos lê, para experimentar um itinerário de EDCG, tal como

Processo de
Aprendizagem

Pensamento
Crítico

Experimentação
e Participação

Alteridade e
Interdependência

temos vindo a fazer ao longo dos vários estudos desta coleção. Neste caso, incide mais intensamente sobre duas dimensões chave do nosso roteiro de EDCG que temos procurado aplicar enquanto lente para olhar para o tema de cada estudo: a interdependência e o pensamento crítico.

A EDCG é uma abordagem educativa, catalisadora de aprendizagem e de literacia ao longo da vida, para que cada pessoa seja capaz de encontrar as suas próprias respostas. É uma lente de olhar atento e escuta ativa, de reflexividade e questionamento crítico, de estímulo ao treino das funções cognitivas e da gestão emocional, de exercício de confortos e desconfortos, de apoio à tomada de decisão. Uma lente sem resignação perante a urgência de decompor a complexidade do mundo globalizado em que vivemos e buscando novas formas de pensar, sentir, ser, poder e agir. Buscando transformação social.

I

Do senso comum à compreensão das interdependências e da globalização

P. 11-15 *Que implicações pode ter, compreender melhor estes conceitos?*

P. 15-18 *Origens e ritmos da globalização*

P. 18-22 *Interdependências em números e factos*

Recorrentemente ouvimos dizer que “o mundo é complexo”, que a “realidade é complexa”, como se isso fosse um argumento para encerrar a questão e não avançar na discussão. Ou, como reflete Luísa Teotónio Pereira (2016), uma “bengala” que indica que “há um desfasamento entre aquilo que sentimos – que não é possível continuar a olhar e a comunicar a realidade de forma simplista, simplificada e linear – e aquilo de que somos capazes – ao não conseguirmos entender e expressar a realidade de outra maneira” (p. 10).

Um dos pontos de partida para nos sentirmos mais aptos/as a lidar com a complexidade é termos acesso a informação. Informação que nos permita reconhecer as interdependências e também os limites deste planeta e da humanidade enquanto uma de suas

partes; informação que dê sustento ao desenvolvimento dos nossos argumentos. Informação que, enfim, se possa tornar em aprendizagem e conhecimento.

São vários os caminhos que podemos seguir para este fim. A EDCG propõe-nos olhar e aprender a refletir sobre questões complexas a partir das interdependências entre o Local e o Global, entre o Norte e o Sul, entre o nosso quotidiano e tudo o resto – interdependências que se acentuam no contexto atual de acelerada globalização.

Neste capítulo, damos um primeiro passo nesse sentido apresentando alguns elementos necessários à compreensão dos fundamentos dos fenómenos das interdependências e globalização, a partir da literatura científica e pedagógica atual sobre o tema.

Que implicações pode ter, compreender melhor estes conceitos?

Começamos por propor um exercício de reflexão:

Como podem estes quatro exemplos díspares ajudar a contextualizar o assunto que aqui trazemos?

Primeiro, trazemos o exemplo de uma família que viveu isolada, por opção, no início do século XX na Rússia. A opção desta família cessou quando foi “descoberta” em 1978, aproximadamente uma década antes do advento da internet.

A família que viveu isolada na Sibéria por 42 anos sem saber da Segunda Guerra Mundial e da viagem à Lua

“Durante mais de quatro décadas, a família Lykov viveu completamente isolada da civilização em meio à neve do sul da Sibéria, na Rússia, para fugir da morte pelas mãos do regime soviético.

Sua existência só foi descoberta em 1978, quando quatro geólogos que exploravam a região de helicóptero avistaram primeiro o jardim dos Lykov e, depois, a cabana de ma-

deira onde moravam há 42 anos. Até então, não havia qualquer registro de atividade humana naquela área, e o assentamento mais próximo ficava a 200 km de distância (...).

Karp e sua mulher, Akulina, eram o que se chama na Igreja Ortodoxa Russa de “velhos crentes”, cristãos partidários de ritos e da liturgia mais antiga. Os “velhos crentes” não aceitavam as profundas mudanças que haviam ocorrido em sua igreja em 1654 com a chamada Reforma de Nikon. Por isso, foram perseguidos não só pelos czares, mas também pelo regime comunista que se

instalou no país a partir de 1917. Essa perseguição chegou a Karp e Akulina em 1936. O homem narrou como eles decidiram fugir após uma patrulha bolchevique atirar em seu irmão quando eles trabalhavam nos arredores da cidade onde viviam no sul da Rússia.”

Fonte: BBC, 2017 (www.bbc.com/portuguese/internacional-38711257)

O segundo exemplo, é dos dias de hoje, sobre comunidades humanas que vivem isoladas no planeta terra, que se estima que seja um número superior a 100.

Mapa dos povos indígenas isolados no Mundo
(localizações aproximadas)

Existem mais de 100 povos indígenas isolados ao redor do mundo, da Amazônia à Indonésia, do Oceano Índico à floresta do Chaco no centro da América do Sul.

Fonte: Survival International,
www.survivalbrasil.org/campanhas/isolados



O terceiro exemplo, não é do passado nem de continentes distantes. É um dos mais emblemáticos no nosso dia a dia de hoje, quando falamos das questões da globalização: é o caso das cadeias de produção e consumo dos telemóveis.

Cadeias de produção e consumo de telemóveis

Um telemóvel tem uma cadeia complexa que é composta por três grandes áreas:

- Extração de matérias-primas, assentes principalmente numa variedade de metais e minérios;
- Fabrico de componentes;
- Montagem.

Frequentemente as matérias-primas provêm de minas sem qualquer preocupação ambiental e social, por vezes ligadas a conflitos armados e sem qualquer proteção dos direitos dos trabalhadores (e mesmo trabalho infantil) e responsáveis por uma elevada degradação e contaminação ambiental, com impactos na saúde.

No que se refere ao fabrico de componentes (bateria, ecrã, microfone, câmara, etc.) estes provêm de diferentes fabricantes especializados em cada uma das partes, que podem ser de diferentes países. Também aqui são frequentes as violações de direitos laborais, como intensidade da jornada de trabalho, exposição a vários riscos para a

saúde e baixos salários.

Finalmente, a montagem na fábrica da empresa (por exemplo, o iPhone na China) também está frequentemente associada a violações de direitos laborais

Explorar mais em:

www.ethicalconsumer.org/technology/global-supply-chain-mobile-phone

www.fairphone.com/en/behind-the-screens

O quarto exemplo pede-nos que paremos para escutar vozes de outros povos que se regem por visões do mundo distintas das nossas acidentais. Escutemos Ailton Krenak. Considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, também nos fala das interdependências entre todos os seres, humanos e não humanos.

Saudações aos Rios, de Ailton Krenak



“Sempre estivemos perto da água, mas aprendemos muito pouco com a fala dos rios. Esse exercício de escuta do que os cursos d’água comunicam foi produzindo em mim uma espécie de observação crítica das cidades, principalmente as grandes, se espalhando por cima dos corpos dos rios de maneira tão irreverente a ponto de não ter quase nenhum respeito por eles. (...) Esse nosso rio-avô, chamado pelos brancos de rio Doce, cujas águas correm a menos de um quilômetro do quintal da minha casa, canta. Nas noites silenciosas ouvimos sua voz e falamos com nosso rio-música. Gostamos de agradecê-lo, porque ele nos dá comida e essa água maravilhosa, amplia nossas visões de mundo e confere sentido à nossa existência. À noite, suas águas correm velozes e rumorosas, o sussurro delas desce pelas pedras e forma corredeiras que fazem música e, nessa hora, a pedra e a água nos implicam de maneira tão maravilhosa que nos permitem conjugar o nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra. Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice da antropomorfia, e experimentar outras formas de existir. Por exemplo, ser água e viver essa incrível potência que ela tem de tomar diferentes caminhos.”

Fonte: Krenak (2022)

No século XX, uma família escolheu viver isolada e assim se manteve até exploradores de regiões inóspitas voltarem a conectá-la com o resto do mundo. No presente é possível contar cerca de 100 povos indígenas, que permanecem isolados do contacto com o mundo, embora já estejam sinalizados nos nossos mapas de monitorização do globo terrestre. Quando pensamos no objeto que a esmagadora maioria das pessoas que nos lê, senão todas, tem no bolso - o telemóvel - não podemos ignorar os custos (des) humanos, (anti)ambientais e económicos (profundamente desiguais no momento de apropriação dos lucros) que esse conforto nos traz. E quando ouvimos a visão do mundo de um indígena sobre a interdependência entre humanos e não humanos? Que sentido nos faz tudo isto?

Situações como as acima relatadas, e particularmente a cadeia de produção de telemóveis, são evidências de interdependências do dia a dia que nos rodeia² – tão evidentes que frequentemente pouca ou nenhuma atenção damos a compreender melhor estes fenómenos. Também porque compreender todos os fenómenos complexos que nos interpelam todos os dias é um processo desgastante.

Se pensarmos muito em todas as questões complexas do mundo e da vida, se procurarmos aprofundar todas as causas e consequências dos ‘males’ do mundo, corremos o risco de paralisar, deprimir ou outras reações. Reações que redundam em inércia perante a urgência de explorar um presente mais equilibrado (menos assimétrico) e um presente e um futuro mais justos.

Pela presença permanente destes fenómenos no nosso quotidiano, talvez para a maioria das pessoas que nos lê, compreender o que significa interdependências e globalização não seja particularmente difícil. Ou seja, reconhecer que a nossa vida individual, pessoal, familiar, profissional, comunitária e até à escala internacional, está ligada. Existem interdependências que se influenciam mutuamente, e a globalização, em grande medida suportada pela evolução tecnológica, é o fenómeno de multiplicação e aceleração dessas interdependências entre o nível micro, individual e local, e o nível macro e global.

² Muitos outros exemplos poderíamos trazer. Se desejar explorar outros fenómenos de forma mais aprofundada e com complexidade acrescida, sugerimos, por exemplo, o livro “A História do Mundo em Sete Coisas Baratas” (Moore e Patel, 2018), que traça uma análise sistémica da natureza, dinheiro, trabalho, cuidados, alimentos, energia e vida, apontando Portugal como tendo tido um papel de relevo em vários aspetos desta história.



“A história das coisas” (*The Story of Stuff*) é um documentário (também disponível em livro) que se debruça sobre o ciclo de vida dos bens materiais, desde a extração da matéria-prima, confeção do produto, venda, consumo, até à geração de resíduos e o processo da sua eliminação, refletindo sobre os impactos destes resíduos não só sobre o meio ambiente, mas também sobre a saúde da população. O filme expõe as interdependências entre questões ambientais e sociais e a responsabilidade de todas as pessoas para criar um mundo mais sustentável e justo.

O convite deste estudo é para que paremos um pouco para trazer à consciência as noções e pressupostos que fazem parte do que pensamos e fazemos no dia a dia e que fazem parte do nosso senso comum. Para melhor poder viver no mundo que nos rodeia importa ir para além da compreensão abstrata dos conceitos de interdependência e globalização. Há implicações que podem e devem afetar as nossas escolhas, tais como:

1 Hoje mais do que nunca na história, as interdependências são uma constante que tende a invadir mais e mais aspetos das nossas vidas (psicológicos, tecnológicos, políticos, económicos, sociais, culturais). Conviver com esta consciência é reconhecer que é necessário integrar um conjunto de competências para lidar com a complexidade.

2 Reconhecer que, numa relação de interdependência, a influência mútua – todos afetamos e somos afetados. Portanto as nossas escolhas e ações individuais contam e influenciam (mesmo que a escolha seja pela ausência de ação ou inércia). Somos responsáveis.

3 Exercitar dilemas éticos entre os nossos interesses e os dos outros diferentes de nós (alteridade) é outra competência chave. Lidar com os confrontos das identidades locais e regionais, por natureza heterogêneas, com processos de globalização que tendem a standardizar ou homogeneizar a vida de comunidades de todo o planeta.

4 Reconhecer que apesar das críticas fundamentadas à atuação das grandes organizações internacionais (Nações Unidas, OCDE, Banco Mundial, etc) e das propostas alternativas de múltiplos movimentos sociais, estão ainda pouco claros que caminhos pode a humanidade seguir na regulação e governança do planeta à escala global.

5 Enfrentar que a escala global, ou seja, os limites físicos do planeta, já não é o limite da ambição de alguns humanos. A ‘corrida’ incessante pela “descoberta”/controlo do espaço, verificada desde meados do século XX pelas grandes potências mundiais (EUA e União Soviética), é hoje palco de uma intensa disputa já não entre Estados Nação, mas sobretudo entre investidores privados magnatas.

Origens e ritmos da globalização

Falar de globalização remete para um processo histórico através do qual se intensificam as relações de interdependência entre lugares e atores diferentes. De acordo com o Referencial de Educação para o Desenvolvimento, reconhecido pelo Ministério da Educação:

“o processo de uma crescente intensificação das inter-relações mundiais e das interdependências tem feito parte da história humana. Hoje, a globalização é a expressão deste processo, assente na transnacionalização económica e em mecanismos de governação à escala global, potenciados por um desenvolvimento tecnológico sem precedentes, resultando numa complexificação das relações aos níveis económico, social, cultural e político” (ME, 2016, p. 12)

Embora seja frequentemente apontado o ano de 1989 como o grande marco do início da era da globalização, associado ao fim da Guerra Fria, as suas dinâmicas são bem anteriores, como a cronologia seguinte pretende ilustrar.

O ENCOLHIMENTO DO MAPA DO MUNDO GRAÇAS A INOVAÇÕES NOS TRANSPORTES³

TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO

GLOBALIZAÇÃO POLÍTICO-ECONÔMICA



A melhor média de velocidade das carruagens e dos barcos a vela era de 16 km/h



As locomotivas a vapor alcançavam em média 100 km/h; os barcos a vapor 57 km/h



Advento do automóvel: permite aumentar a velocidade do transporte individual que rapidamente atinge valores superiores a 80 km/h



Aviões a propulsão: 480-640 km/h



1450: Guttenberg inventa a imprensa



1876: Bell patenteia o telefone



1950: Popularização da televisão



Expansão Marítima Europeia e colonização do mundo

Séc. XIX: A Revolução industrial intensifica crescentemente o comércio global e dará origem às empresas multinacionais
1884: Conferências de Berlim em que as potências europeias partilham o território africano entre si

1914-1918: Primeira Guerra Mundial

1939-1945: Segunda Guerra Mundial

1944: Conferência de Bretton Woods estabelece o dólar americano como a base do sistema monetário mundial e cria o Banco Mundial (BM) e o Fundo Monetário Internacional (FMI)

1945: Organização das Nações Unidas (ONU)

1500-1840

1850-1930

ANOS 1880

ANOS 1950

ANOS 1960



1957: Tratado de Roma cria a Comunidade Económica Europeia

ANOS 1970

1989: Queda do muro de Berlim marca o fim da Guerra Fria e o início de uma nova era de globalização

1970: Cabos de fibra ótica expandem as telecomunicações

PÓS 1998

1995: Criação da Organização Mundial do Comércio (OMC)

2008: Crise Financeira internacional

2020 Pandemia Covid 19

Movimentos anti e alter globalização: uma outra globalização é possível

2001: Primeiro Forum Social Mundial

1977: Início da era do microcomputador pessoal

1983: Início da comercialização de telemóveis

1991: Criação da Internet

1995 criação das primeiras redes sociais, massificadas a partir do século XXI pelo facebook, twiter mais recentemente instagram, tik tok, entre outras



Jatos de passageiros: 800-1100 km/h

1969 Primeira viagem do 'Homem' à Lua



Jatos de passageiros supersónicos: 2179 km/h

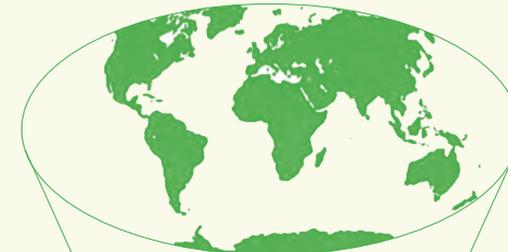


Caças militares atingem 2414 km/h

A EXPERIÊNCIA DO ESPAÇO E DO TEMPO

O encolhimento do mapa do mundo graças a inovações nos transportes que “aniquilam o espaço por meio do tempo”.

1500-1840



A melhor média de velocidade das carruagens e dos barcos a vela era de 16 Km/h

1850-1930



As locomotivas a vapor alcançavam em média 100 Km/h; os barcos a vapor, 57 Km/h

ANOS 1950



Aviões a propulsão: 480-640 Km/h

ANOS 1960



Jatos de passageiros: 800-1100 Km/h

Planisfério Cantino
(preservado no Museu
Esteense de Modena,
em Itália)



A expansão marítima europeia, que tem início no século XV, é considerada o primeiro movimento rumo à globalização ao abrir portas para o comércio internacional. O Planisfério Cantino de 1502 ilustra este processo através das ambições globais de Portugal.

Desta forma, um dos principais motores da globalização tem sido a expansão e liberalização da **atividade económica** a nível mundial: começando pelas trocas comerciais, passando pelo mercado financeiro (constituído por bancos e bolsas de valores), até às empresas multinacionais com produ-

ção e distribuição em diferentes regiões do mundo. Neste contexto, os Estados ficaram crescentemente à mercê de um incontornável ‘mercado mundial’” (Hobsbawm, 2003). Aqui inclui-se também o papel de instituições económicas globais, como o BM, FMI, OMC, nas políticas económicas globais e nacionais.

Mas a globalização manifesta-se simultaneamente no campo político, social e cultural, entre outros.

A nível **político**, a globalização repercute-se na relação de poderes entre países, regiões

de mundo e territórios locais. Com o fim da Guerra Fria, a bipolaridade que caracterizava o mundo, em torno dos polos Estados Unidos e ex-União Soviética, é substituída pela política multipolar, dando origem a mecanismos transnacionais de governação através de instituições globais como a ONU, mas também a organizações internacionais regionais que influenciam a governação à escala global (como a UE, Mercosul, União Africana, ASEAN). Neste processo, as organizações não governamentais (ONG), que atuam entre vários países, têm também um papel de destaque na governança global.

Do ponto de vista **social**, a globalização teve um impacto profundo na estruturação das sociedades, bem como no ritmo e abrangência da mudança social, afetando práticas sociais e modos de comportamentos vigentes (Giddens, 1994). Conduziu também a uma crescente integração das sociedades do mundo, em oposição às sociedades organizadas no interior de tribos, clãs ou reinos predominantes no passado. Esse processo tem efeitos, entre outros, nos mercados de trabalho, que competem à escala global, mas também na emergência de novos movimentos sociais com expressão global.

Implica também uma dimensão de confronto com as desigualdades sociais globais, que opõem países mais ricos e mais pobres, países com maiores e menores níveis nos indicadores de desenvolvimento humano, e classes sociais que se constituem à escala planetária opondo designadamente elites internacionais, altos quadros dirigentes internacionais, altos funcionários de organismos transnacionais e uma “nova classe global de desfavorecidos” (migrantes, trabalhadores precários) (ver Costa, 2012; Sassen, 2005).

Outra dimensão central da globalização é a **cultural**. Na atualidade, as trocas sociais e culturais entre pessoas, comunidades e países diferentes são constantes, em resultado dos avanços nas tecnologias de informação e comunicação e da intensa circulação de pessoas. Daqui resultam processos de aumento da diversidade cultural e cos-

mopolitismo nas nossas sociedades, mas também, em sentido inverso, processos que tendem a homogeneizar todo o planeta a partir da influência dos países e regiões que detêm maior poder económico e político (como evidencia a mudança de hábitos alimentares, de moda, de consumo cultural em todo o mundo, influenciada pela difusão de grandes cadeias de *fast-food*, *fast-fashion*, entretenimento, etc.).

Apesar desta marcha aparentemente inelutável que alastra as interdependências entre todas as pessoas e territórios, ameaçando homogeneizar a diversidade dos povos, culturas e geografias, a globalização tem também favorecido uma organização à escala global dos movimentos sociais e ONG que resistem a estas ameaças. No início do século XXI, em Porto Alegre no Brasil, é organizado o primeiro Fórum Social Mundial como gesto político de contraposição ao Fórum Económico Mundial, que reúne anualmente os principais líderes políticos e empresarias das maiores potências mundiais em Davos, na Suíça. Juntaram-se cerca de “20 mil pessoas de 117 países, que se espalharam em oficinas autogestioadas, seminários, conferências, sessões de testemunhos, atividades culturais e plenárias deliberativas” sob o lema de que “*um outro mundo é possível*”. “O Fórum Social Mundial expressa a luta contra a ofensiva neoliberal, debatendo o impacto da globalização na vida das pessoas. Nasce como um ambiente de convergência democrática para reflexões,

Recurso: Uma História Global da Humanidade

No âmbito do projeto Get up and goals! foi elaborado um manual de história e geografia inovador, com base numa abordagem da história global. Este manual permite abordar conflitos e movimentos globais atuais assim como compreender as suas ligações a eventos históricos passados que estão na sua origem. Deste modo, pretende encorajar uma nova narrativa histórica para superar enfoques nacionalistas e eurocêntricos e para fortalecer a construção de uma Europa coesa e solidária para com o resto do mundo.

FONTE: www.getupandgoals.eu/geo-historical-textbook-pt

análises, formulação de propostas, trocas de experiências e articulações de movimentos sociais, redes e ONG”. (www.fsm.org.br)

Este evento marca o início concertado de **movimentos anti e alter globalização** à escala global. Uniu, sem precedentes, ativistas de todo o mundo numa procura de convergência de agendas alternativas, plurais e transformadoras (direitos humanos, ambientalistas, feministas, direito à terra, etc.) que se tem vindo a densificar até

4 Este tema foi abordado com maior destaque no estudo desta coleção sobre [Justiça Social](#).

hoje. Movimentos de resistência à expansão exponencial da globalização e/ou defensores de uma outra globalização, mais democrática, mais respeitadora dos direitos dos povos e do planeta⁴.

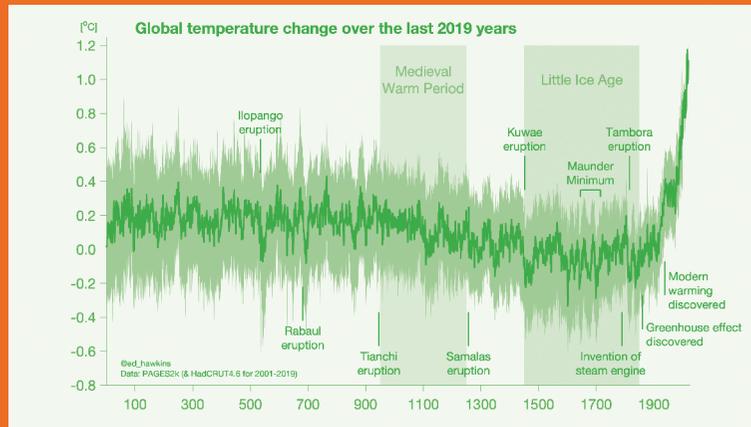
Deste modo, a globalização tornou-se um processo transversal a qualquer fenómeno

económico, sociopolítico ou cultural, em qualquer lugar no mundo. Daí a importância de nos implicarmos na compreensão das interdependências entre dinâmicas locais e globais para a compreensão do mundo ao nosso redor.

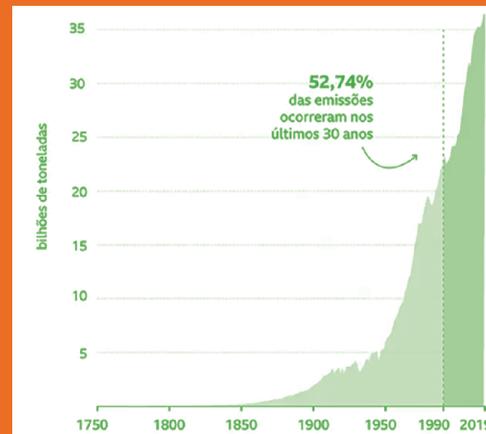
Interdependências em números e factos

Vejamos alguns factos e números que evidenciam o processo de globalização e o crescente acentuar das interdependências.

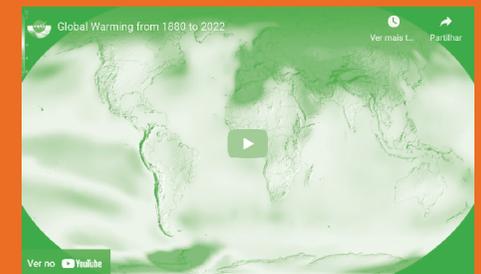
Ambiente



Alterações globais da temperatura ao longo dos últimos 1919 anos
FONTE: [Climate Lab Book](#)

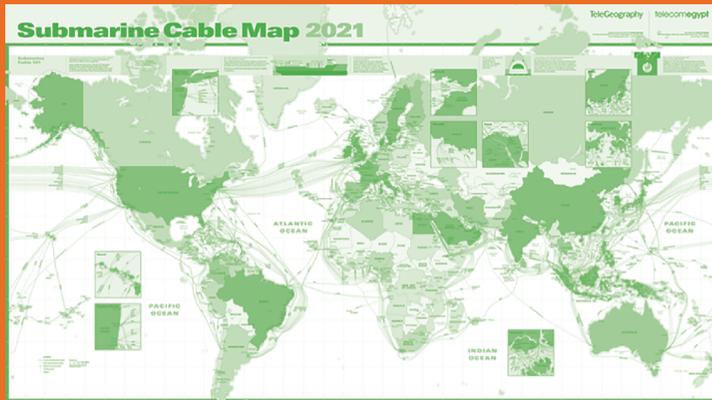


Emissões Totais de Dióxido de Carbono (CO2) por ano
FONTE: [BBC/ Global Carbon Project](#)

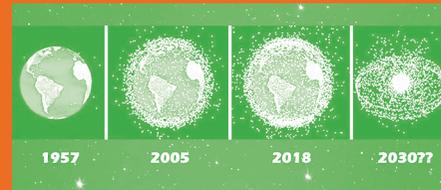


Aquecimento global entre 1880 e 2021
FONTE: [Vídeo da NASA \(National Aeronautics and Space Administration\)](#) em inglês, Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço

Tecnologia de Informação e Comunicação



Cabos de rede de internet
submarinos em 2021
FONTE: [TeleGeography](#)



Satélites e lixo espacial que orbitam a terra
FONTE: [Aliva](#), com base em dados da NASA. Também disponível em tempo real em [Rogue.space](#).

Transportes

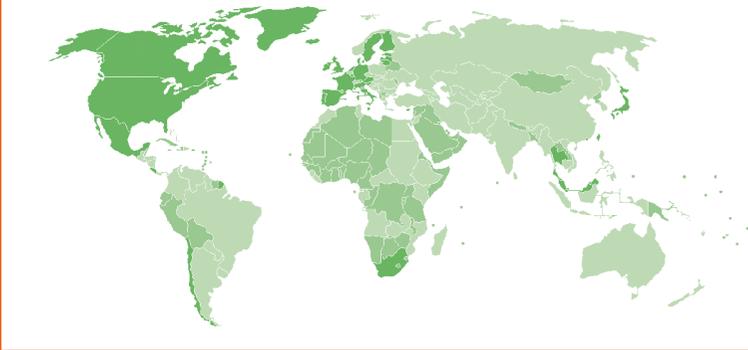


Rotas mundiais de aviação
FONTE: [WikiCommons](#)



Rotas de navios de carga no mundo
FONTE: [UCL/Shipmap.org](#)

Economia



Crise económica global de 2008: países em recessão e países severamente afetados
 FONTE: [WikiCommons](#)

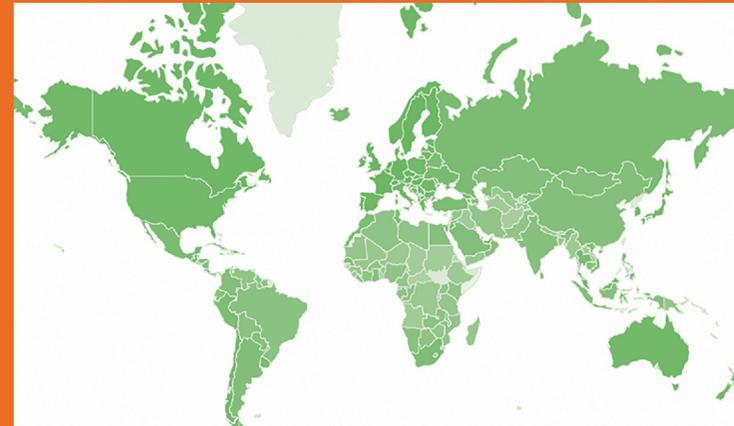
Saúde



A disseminação da pandemia COVID-19 em tempo real
 FONTE: [Johns Hopkins University](#) (2023)

O Índice Global de Globalização

O Instituto Económico Suíço KOF desenvolveu um indicador da globalização procurando captar a sua multidimensionalidade, contemplando variáveis para a dimensão económica, social e política (ver Haelg, 2019). No seu site é possível ter uma visualização geral da evolução da globalização desde 1970 até à atualidade.



Índice KOF de Globalização em 2016
 FONTE: [KOF Swiss Economic Institute](#)

E Portugal? Sabe qual é a posição de Portugal no índice de globalização? Conheça [AQUI](#).

2

Do Pensamento e das Emoções Binárias à Familiarização com a Complexidade

P. 25-26 *A aceleração das interdependências e os limites da humanidade e do planeta terra*

P. 26-33 *O exercício de pensamento sistémico, crítico e exploratório*

P. 34-35 *Exigências cognitivas e emocionais para navegar em tempos incertos – o meu barómetro*

O processo de globalização trouxe consigo novas visões de mundo e novos desafios. Coloca em conflito realidades que muitas vezes se abordam enquanto dicotômicas, não obstante serem, como nunca antes, profundamente interdependentes de múltiplos fatores. Por outro lado, as nossas sociedades pós-modernas são hoje ainda mais complexas, o que trouxe consigo uma forma não-linear, sistêmica, interdependente e retroalimentada de olhar o mundo e as suas realidades. Assim, cada vez mais, as problemáticas do desenvolvimento, da sustentabilidade e da justiça social vão ganhando uma pluralidade de sentidos e significados. A entrada na segunda década do século XXI traz consigo desafios vários que influenciam a forma como é entendida a função primordial da educação.

No entanto, em geral, podemos observar uma grande dificuldade em enfrentar esta

complexidade e incorporar de facto o princípio da interdependência. Desde o sistema de ensino, à comunicação social, às instituições e discursos políticos, entre múltiplas outras esferas, a tendência é a da simplificação do mundo através de pensamento e emoções binárias (certo ou errado, bem ou mal, medo ou segurança...). Os novos formatos de comunicação, as redes sociais, privilegiam o imediatismo e são adversos à complexidade.

Quantas pessoas se sentem impotentes para abordar e discutir questões complexas! Será, talvez, o caso de quem nos lê?

Alguns estudos dão conta da dificuldade sentida pelos próprios agentes educativos em transmitir a análise da questão da complexidade, da interdependência entre o local e o global e da interseccionalidade das questões (ver, por exemplo, CIDAC e FGS, 2023).

Como podemos, então, aprender a lidar com a complexidade?

Esta é uma das principais questões que se colocam e são distintivas na abordagem da EDCG (e que nortearam esta coleção de estudos), enquanto aprendizagem ao longo da vida para o exercício do pensamento exploratório, crítico e sistémico.

Após percorrermos, no primeiro capítulo, alguns elementos que permitem compreender os fundamentos do fenómeno da globalização e das interdependências, convidamos agora a explorar alguns desafios relativos aos destinos da humanidade e do planeta. O convite é também ao exercício da complexidade, através de alguns instrumentos cognitivos e emocionais que nos podem ajudar a enfrentar estes desafios.

A aceleração das interdependências e os limites da humanidade e do planeta terra

A partir dos vários elementos do itinerário que percorremos até aqui, ponderemos então algumas características singulares que importa refletir e reconhecer na realidade que nos envolve para melhor poder nela e com ela viver:

❶ A forma como o processo de aceleração tecnológica enforma as interações e nos torna crescentemente mais interdependentes – por via das agendas da inovação tecnológica, da digitalização, da automação, da realidade virtual e aumentada, da robótica, da inteligência artificial.

❷ Esses desenvolvimentos repercutem-se também nos meios de comunicação globais, monopolizados por grandes grupos económicos que controlam a informação que chega (ou não) às grandes massas e com que narrativas.

❸ A aceleração exponencial dos múltiplos impactos desse mesmo desenvolvimento tecnológico: ambientais, económicos, políticos, sociais, culturais, psicológicos... Por exemplo, ao tornar descartáveis trabalhadores e trabalhadoras, ao consumir insaciavelmente energia e matérias-primas do planeta.

❹ A aceleração das interdependências entre o local e o global. O irromper do global, da escala territorial planetária, no dia a dia de qualquer ser humano em qualquer parte do mundo, mesmo que estejamos a falar dos poucos povos que permanecem isolados do contacto com o resto do mundo, na floresta amazónica ou nas ilhas do pacífico.

❺ Os limites do Estado Nação e a necessidade de encontrar sistemas de governança (de regulação e participação) muito mais desenvolvidos dos que os que temos hoje, por um lado à escala global e, por outro, à escala local, capazes também de lidar com os desafios comuns da humanidade e do planeta, a nível ambiental, cultural, etc.

❻ Perante a transversalidade do global, a tensão e o desafio entre as tendências de homogeneização do mundo e de imposição das visões de quem tem mais poder versus a possibilidade/dificuldade de convivência com a heterogeneidade e diversidade.

❼ O impacto global das atividades humanas na Terra, no funcionamento dos seus ecossistemas e na ameaça aos limites do planeta e à nossa sobrevivência (aqueci-

mento global, poluição, depredação, ameaça à biodiversidade...) – a designada era do “antropoceno”.

❽ A ambição de superar os limites da escala planetária, suplantando a própria globalização. Os humanos ocupam, exploram, têm tecnologia implementada e muito mais já inventada, para, pela primeira vez dominar completamente o planeta, desde o fundo do mar, até...!!!! A corrida ao controlo do espaço, da lua, de Marte, e de outros planetas começou na verdade já há muitas décadas, assim como o lastro de lixo espacial que daí decorre.

Será que estamos a viver uma era que designamos por globalização e que simultaneamente as sementes de uma era intergaláctica já cá estão? Será que vamos conseguir salvar o planeta e a humanidade dos riscos de catástrofe que enfrentamos hoje ao nível planetário? E será que o que entendemos como humano ainda é o mesmo que há 30 anos atrás?

Humanismo, Transhumanismo e Pós-Humanismo

Quem nos lê poderá querer explorar também os conceitos de humanismo e as correntes mais recentes de transhumanismo e pós-humanismo, percebendo que o entendimento do “humano” tem sido dominado por uma concepção europeísta associada às ideias de universalismo e racionalismo, que se tem procurado estender a todo o mundo de forma homogênea, associada ainda a uma concepção da humanidade como centro do universo (antropocentrismo).

O transhumanismo é um movimento que associa a evolução tecnológica a uma evolução da condição humana, na tentativa de superar os seus limites físicos, intelectuais, morais. Dentro desta visão, o pós-humano é concebido como um humano melhorado, o abandono da condição humana para novas formas e espécies, como a fusão do corpo humano com as máquinas (ciborgue).

Poderá explorar mais este tema na entrevista com João Maia (investigador do CEIS20, Universidade de Coimbra), no Loqui Podcast #30: <https://youtu.be/rjFbKSmZUQA>

O reconhecimento das interdependências entre as diferentes esferas sociedade, da economia, da vida, da ecologia, entre as escalas local e global, permite-nos reconhecer também os limites do planeta e a nossa responsabilidade para com os problemas.

Se as interdependências local-global nos levam a reconhecer, antes de mais, como a escala territorial planetária se impõe nas

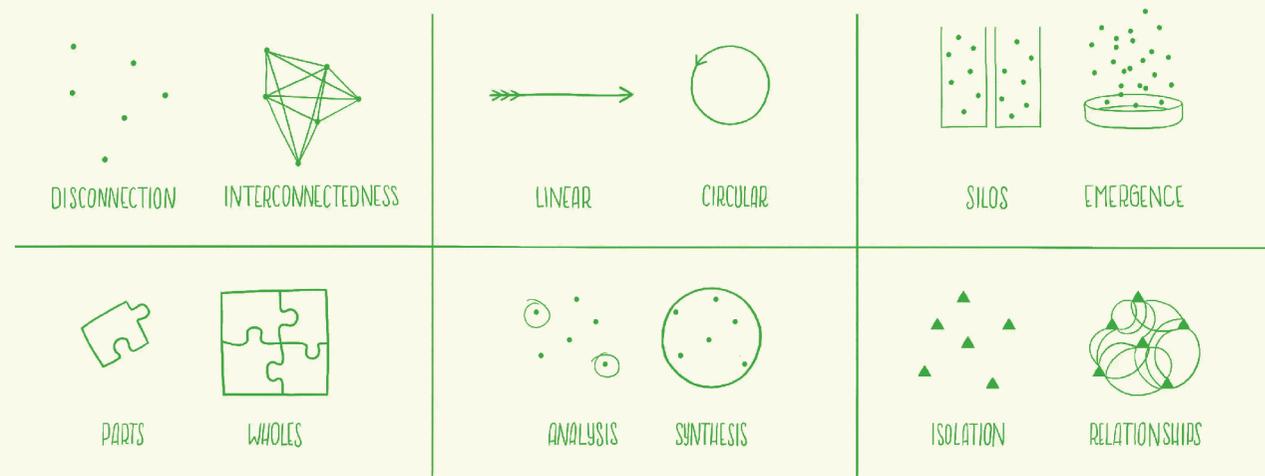
economias e contextos locais, o espaço local também se apresenta como “um espaço com potencialidade para recriar projetos comunitários (...) para articular outras dinâmicas que favoreçam processos do território” (Gastón, 2019, p. 5). O local é também uma esfera para o mobilizar recursos e o protagonismo dos atores locais na resposta a desafios globais.

O exercício de pensamento sistémico, crítico e exploratório

Analisar hoje a realidade que nos rodeia implica, portanto, considerar “um conjunto de variáveis, que interagem umas sobre as outras, algumas sendo simultaneamente causas e conseqüências de movimentos que têm impacto em partes, e ao mesmo tempo, no todo, da problemática. Estamos a lidar com sistemas que não se podem reduzir a esquemas simples de causa-efeito e de escolhas de tudo ou nada. Estamos a lidar com a incerteza, com o aleatório, com o não-equilíbrio” (Pereira, 2016, p. 11).

No atual contexto de aceleração tecnológica, a complexidade intensifica-se na medida em que aumenta a “quantidade de interações e de interferências entre um número muito grande de unidades”, como nota Edgar Morin (2003) nos seus estudos sobre a complexidade. Mas não se trata apenas de um fenómeno quantitativo, “ela compreende também incertezas, indeterminações, fenómenos aleatórios” (p. 52-53). Diz, assim, respeito à relação com a ambiguidade e a incerteza, com paradoxos e com o desconhecido e os limites do nosso entendimento.

TOOLS OF A SYSTEM THINKER



Ferramentas do Pensamento Sistémico
FONTE: Acaroglu e Segal, *Tools for Systems Thinkers* (2017)



A tentação do pensamento único, dicotómico, redutor, autoritário, anula a diversidade de perspetivas que existem entre dois extremos e nega o nosso emaranhamento nessas relações. O desafio que a EDCG identifica como urgente, e que lançamos a quem nos lê, é o de procurar conhecer mais e exercitar diferentes formas de pensamento que procuram lidar com a complexidade: pensamento sistémico, crítico e exploratório parecem ser centrais para ler o mundo de hoje. Também o conceito de alteridade, que destacamos no estudo sobre a paz

(Usar *QR Codes* ou *link* para fazer a ligação), é importante para lidar não apenas com as interdependências entre a escala local e global, mas também as interdependências com o outro e com a natureza, entre seres humanos e não humanos.

O **pensamento sistémico** é uma abordagem para compreender os fenómenos como parte de um contexto maior, procurando considerar os diferentes lados da questão, as suas inter-relações com uma teia de fatores sociais, políticos, culturais, económicos e

ambientais. Procura-se compreender como estes diferentes elementos interagem entre si e em relação a outros contextos (local, nacional, global) e outras esferas (social, política, cultural, económica, ambiental).

Recurso: Kit introdutório ao pensamento sistémico para funcionários públicos

Existem vários instrumentos e roteiros de apoio ao desenvolvimento de abordagens sistémicas.

O governo inglês desenvolveu e sistematizou um conjunto de ferramentas para incentivar a familiarização de funcionários públicos com o pensamento sistémico:

Systems Thinking: an introductory toolkit for civil servants (2022)

Por exemplo, uma equipa pretende tomar decisões sobre que abordagem seguir perante um determinado problema que tem em mãos. Para isso, sugere-se que analise o sistema no qual se situa o problema para poder tomar decisões informadas. A equipa analisa o sistema para identificar fatores que estão sob a sua influência direta, fatores que podem influenciar, fatores que são importantes mas estão fora do seu controlo e, finalmente, fatores que são importantes mas sobre os quais não tem influência. A partir daqui a equipa constrói um entendimento partilhado da questão e decide em que partes do sistema pode intervir e quais ficam fora do seu alcance.



O **pensamento crítico** articula-se diretamente com o pensamento sistémico, enquanto capacidade de compreender e avaliar informação e argumentos, identificar pressupostos, desafiar o pensamento dominante, considerar as consequências de diferentes opções, refletir sobre como o contexto pessoal, social e cultural influenciam a visão de mundo.

Vanessa Andreotti refere-se ao conceito de **literacia crítica**, entendido como:

“um nível de leitura do que é escrito e do mundo que envolve o desenvolvimento do compromisso crítico e da reflexividade: a análise e a crítica das relações entre perspetivas, língua, poder, grupos sociais e práticas sociais por parte dos aprendentes. A análise crítica, neste contexto, não se refere à noção dominante de que algo é certo ou errado, tendencioso ou imparcial, verdadeiro ou falso. Mas sim a uma tentativa de compreender as origens de determinados pressupostos e implicações. Neste sentido, a literacia crítica não pretende ‘revelar a verdade’ aos aprendentes, mas sim proporcionar uma oportunidade para que reflitam sobre o seu próprio contexto e sobre as suposições epistemológicas e ontológicas suas e dos outros: como é que acabámos por pensar/ser/sentir/agir de determinada forma e as implicações dos nossos sistemas de crenças em termos locais/globais face às relações de poder desiguais, relações sociais e distribuição de trabalho e recursos.”

(Andreotti, 2014, p. 64)

Mais uma vez, não existe uma receita universal e a autora alerta para o risco de arrogância e de novas formas de colonialidade ao querer-se impor a sua visão crítica da realidade. Trata-se antes de assumir um compromisso para com a nossa própria aprendizagem e a dos outros e uma abertura para desconstruir relações de poder e transformar os nossos pontos de vista, identidades e relações.

Exercitar o Pensamento Crítico

As questões abaixo podem servir de estímulo ao desenvolvimento deste compromisso crítico perante a realidade.

Quem?

- ... beneficia com isto?
- ... é prejudicado/a por isto?
- ... toma decisões sobre este assunto?
- ... é mais diretamente afetado/a?
- ... também já ouviu discutir este assunto?
- ... seria a melhor pessoa para consultar?
- ... serão as pessoas chave neste assunto?
- ... merece reconhecimento por este facto?

O que(ê)?

- ... são os pontos fortes/fracos?
- ... é uma outra perspetiva?
- ... é uma outra alternativa?
- ... seria um contra-argumento?
- ... é o melhor/pior cenário possível?
- ... é o mais/menos importante?
- ... podemos fazer para fazer uma mudança positiva?
- ... está a impedir a nossa ação?

Onde?

- ... veríamos isto no mundo real?
- ... existem conceitos/situações semelhantes?
- ... há mais necessidade disto?
- ... no mundo, isto seria um problema?
- ... podemos obter mais informações?
- ... podemos pedir ajuda com isto?
- ... será que esta ideia nos vai levar?
- ... são as áreas a melhorar?

Quando?

- ... é que isto é aceitável/inaceitável?
- ... é que isto beneficiaria a nossa sociedade?
- ... é que isto causaria um problema?
- ... é a melhor altura para agir?
- ... saberemos se fomos bem-sucedidos/as?
- ... é que isto desempenhou um papel na nossa história?
- ... podemos esperar que isto mude?
- ... devemos pedir ajuda com isto?

Porquê?

- ... é que se trata de um problema/desafio?
- ... é que é relevante para mim/outros?
- ... é que este é o melhor/pior cenário?
- ... as pessoas são influenciadas por isto?
- ... as pessoas deveriam saber disto?
- ... é que é assim há tanto tempo?
- ... permitimos que isto acontecesse?
- ... há necessidade disto hoje?

Como?

- ... é que isto é semelhante a _____?
- ... é que isto perturba as coisas?
- ... é que sabemos a verdade sobre isto?
- ... podemos abordar isto com segurança?
- ... é que isto nos beneficia a nós/outros?
- ... é que isto nos prejudica a nós/outros?
- ... é que vemos isto no futuro?
- ... podemos mudar isto para melhor?



As ameaças da inteligência artificial ao pensamento crítico

Noam Chomsky, reputado filósofo e linguista, em entrevista ao *Jornal Público* (2023), reflete sobre as ameaças da inteligência artificial (IA) ao pensamento crítico. Considera que “este é o ataque mais radical ao pensamento crítico, à inteligência crítica e particularmente à ciência que eu alguma vez vi”. A IA e ferramentas como o *ChatGPT*, diz, não procuram a compreensão, mas antes a simulação: “Atualmente é um dos elementos do movimento anticiência. Preocupa-se, sobretudo, com simulação e não com o entendimento. O *ChatGPT* é, assim, um exercício inteligente de simulação. Percorre quantidades astronómicas de dados, através de programas inteligentes, para produzir resultados semelhantes à informação que encontra. Não diz nada sobre linguagem, aprendizagem, inteligência.”

Chomsky põe no mesmo plano a resposta à IA e àquilo a que chama de “neofascismo”: a única saída é “educar as pessoas para a autodefesa. Levar as pessoas a compreender o que isto é e o que não é”.

Fonte: *Jornal Público* (2023)

Finalmente, o pensamento exploratório diz respeito à capacidade de explorar, aprender e experimentar novas ideias, métodos e possibilidades, designadamente para perspetivar alternativas aos modos de pensar, ser, poder e agir dominantes. Diz respeito a encetar caminhos para os quais se desconhece o ponto de chegada, ou seja, este ponto pode não resultar no alcance das soluções ou respostas. Implica confrontar a lógica preponderante de produtivismo, onde a qualidade do processo, do fruir de um percurso de exploração e aprendizagem são desvalorizados face ao imperativo de alcançar resultados e impactes, de preferência tangíveis e mensuráveis no imediato.

A crise pandémica como oportunidade para imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise

Um questionário de
Bruno Latour (2020)

A pandemia de Covid-19 é mais um exemplo das interdependências profundas na atualidade e das suas manifestações a múltiplos níveis. Bruno Latour, pensador francês, dizia-nos, logo no início da pandemia, que o coronavírus permitiu demonstrar que é possível suspender em poucas semanas, em todo o mundo, um sistema económico que até então nos diziam ser impossível de travar ou redirecionar. “De facto, não são apenas as multinacionais ou os acordos comerciais ou a internet ou as agências de turismo que estão globalizando o planeta: cada entidade desse mesmo planeta tem a sua própria maneira de integrar os outros elementos que compõem, a cada momento, o coletivo” (Latour, 2020, p. 3). Abrem-se assim também espaços para explorar outros projetos coletivos.

Latour, apresentando uma perspetiva crítica sobre a globalização, convida-nos a aproveitar esta oportunidade para imaginar novos gestos, barreiras erguidas contra a repetição de tudo exatamente como era antes, e propõe-nos o exercício seguinte.

“Aproveitemos, então, a suspensão forçada da maior parte das atividades para fazer um inventário daquelas que gostaríamos que não fossem retomadas e daquelas que, pelo contrário, gos-

tariamos que fossem ampliadas. Responda às seguintes perguntas, primeiro individualmente e depois coletivamente:

1ª pergunta: Quais atividades agora suspensas você gostaria que não fossem retomadas?

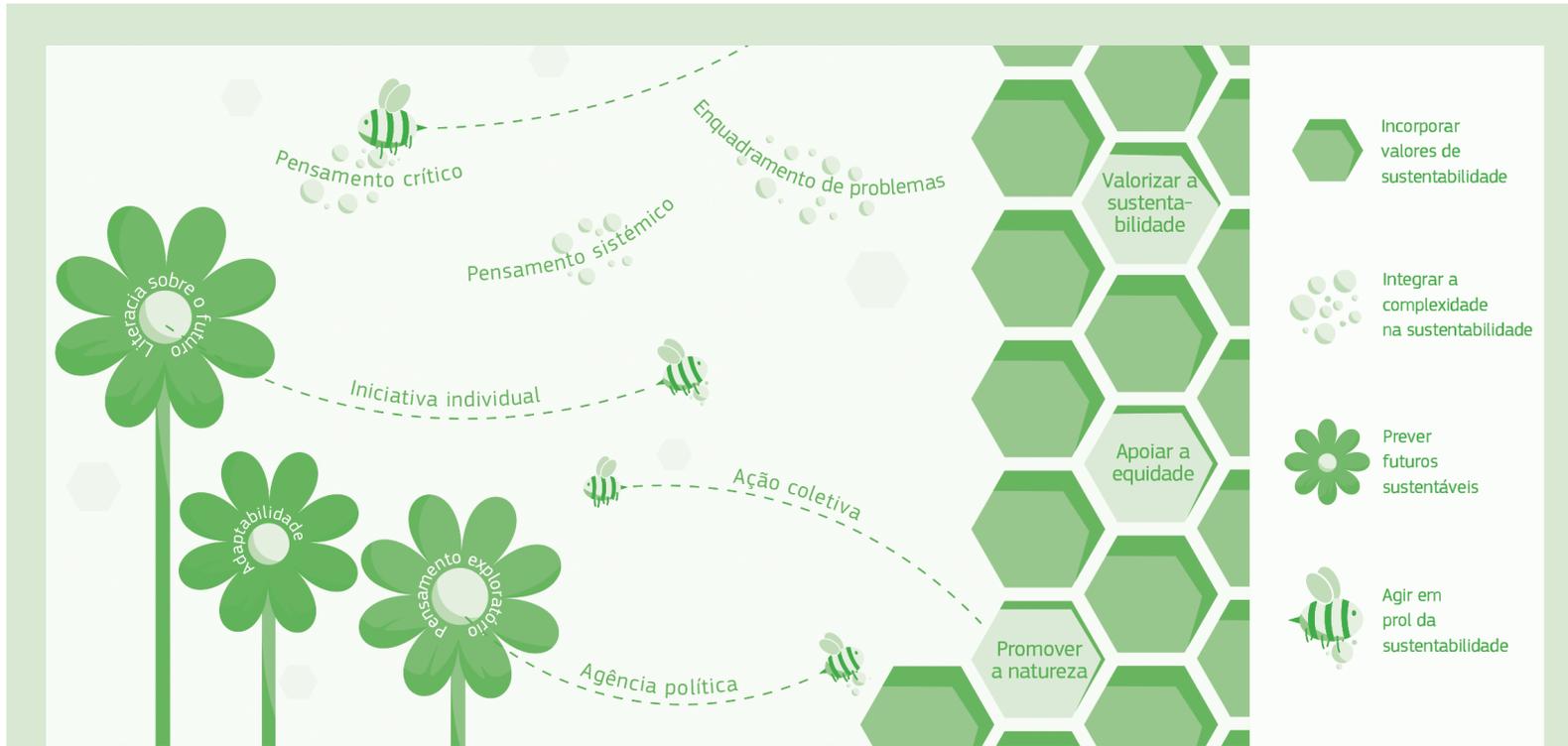
2ª pergunta: Descreva por que essa atividade lhe parece prejudicial/ supérflua/ perigosa/ sem sentido, e de que forma o seu desaparecimento/ suspensão/ substituição tornaria mais fáceis/ pertinentes outras atividades que você prefere. (Faça um parágrafo separado para cada uma das respostas listadas na pergunta 1).

3ª pergunta: Que medidas você sugere para facilitar a transição para outras atividades daqueles trabalhadores/ empregados/ agentes/ empresários que não poderão mais continuar nas atividades que você está suprimindo?

4ª pergunta: Quais atividades atualmente suspensas você gostaria que fossem ampliadas/ retomadas ou mesmo criadas a partir do zero?

5ª pergunta: Descreva por que essa atividade lhe parece positiva e de que maneira ela torna mais fáceis/ harmoniosas/ pertinentes outras atividades que você prefere, e por que ajuda a combater aquelas que você considera desfavoráveis. (Faça um parágrafo separado para cada uma das respostas listadas na pergunta 4).

6ª pergunta: Que medidas você sugere para ajudar os trabalhadores/ empregados/ agentes/ empresários a adquirir as capacidades/ meios/ receitas/ instrumentos para retomar/ desenvolver/ criar esta atividade?”



Recurso: *GreenComp*, *GreenComp* Quadro europeu de competências em matéria de sustentabilidade

O *GreenComp* é um quadro de referência de competências para a sustentabilidade a nível da União Europeia (EU). O documento elenca doze competências principais agrupadas em quatro categorias (entre as quais se inclui o pensamento sistêmico, crítico e exploratório):

- Incorporar valores de sustentabilidade, promovendo equidade e justiça entre as gerações presentes e futuras e reconhecendo os seres humanos como parte do mundo natural;
- **Comprometer-se com a complexidade da sustentabilidade** através de pensamento crítico e sistêmico e do enquadramento dos problemas através de perspectivas diferentes, reconhecendo as interdependências e questionando preconceitos;

- **Perspetivar futuros sustentáveis**, através de literacia para imaginar cenários futuros alternativos, adaptabilidade para lidar com ambiguidade e incerteza e pensamento exploratório capaz de cruzar fronteiras disciplinares;
- **Agir para a sustentabilidade** através de agência política e ação individual e coletiva.

Fonte: [Hyperlink](#)



“Walk the Global Walk”, AIDGLOBAL

Em conjunto com 11 países europeus, a ONGD AIDGLOBAL implementou, durante 4 anos (2017-2021), o projeto “Walk the Global Walk”, em parceria com o Município de Vila Franca de Xira, e o apoio da Comissão Europeia e do Camões, IP.

Ao longo do projeto foram criados espaços de reflexão e oportunidades de diálogo para que jovens e professores/as pudessem pensar as múltiplas questões relacionadas com a Cidadania Global e o Desenvolvimento. A ação procurou mobilizar jovens para serem catalisadores de mudança em prol dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), partindo do local para o global, e vice-versa, envolvendo a autarquia, as associações e diversas outras entidades da comunidade.

No âmbito da iniciativa foram realizadas diversas atividades, como formações acredi-

tadas para professores, cursos educacionais, manifestações pacíficas, escolas internacionais, *workshops* de liderança juvenil, *workshops* de planeamento de micro projetos, manifestos e atividades *peer to peer* (de alunos/as para alunos/as) que procuraram responder às complexidades do mundo atual, refletindo sobre as interdependências, a globalização, a solidariedade internacional, a sustentabilidade, etc.

Os recursos pedagógicos do projeto foram produzidos com o apoio de vários/as docentes europeus e contêm propostas que associam os temas da EDCG e da Agenda 2030 aos conteúdos dos currículos. Estão disponíveis nos links abaixo:

[ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis](#)

[ODS 13 – Ação Climática](#)

[ODS 16 – Paz, Justiça e Instituições Eficazes](#)



A iniciativa [Alternativas – Experiências Locais para uma Transformação Global](#) foi conduzida por cinco OSC portuguesas Fundação Gonçalo da Silveira, Fundação Fé e Cooperação, Coolabora, Rede Inducar e Instituto Politécnico de Leiria, com o objetivo de promover a mudança social com

vista à construção de uma sociedade mais solidária, justa, inclusiva e sustentável.

Com princípios de pensamento e ação assentes na solidariedade, equidade, justiça e inclusão, pretendeu-se fortalecer a reflexão e aprendizagem sobre os valores, as atitudes e os comportamentos que conduzem a essa mudança e propor e disseminar alternativas para a transformação social na perspetiva da cidadania global.

O projeto pretendeu promover uma visão das interdependências entre o local e global, através de processos de aprendizagem e reflexão crítica, para a tomada de consciência para os problemas estruturais a nível global. Na proposta do projeto está subjacente o desmontar das causas estruturais das relações de poder/hegemonia.

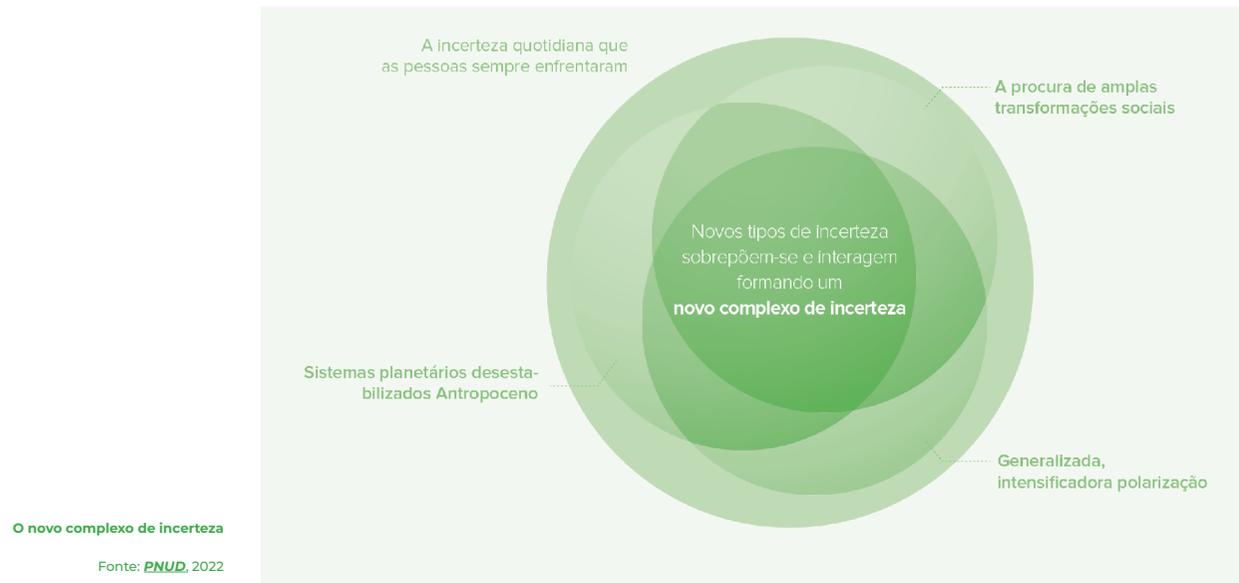
Para concretizar estes objetivos o projeto criou ambientes de aprendizagens formais, informais e não formais, novos focos de interesse, novas ferramentas, novas estratégias de construção do conhecimento e de competências que visam, muito mais do que a perpetuação do saber, o desenvolvimento da reflexão e do espírito crítico para os ambientes educativos.

[Publicação](#)

[Mapa de iniciativas](#)

[Carta Aberta para a Transformação Social](#)

Exigências cognitivas e emocionais para navegar em tempos incertos – o meu barômetro



Vivemos em tempos marcados por um novo emaranhado de incertezas e vidas instáveis, como reflete o Relatório de Desenvolvimento Humano da ONU de 2021/2022 (PNUD, 2022). A conjuntura atual é marcada por vários níveis de crise e incerteza: a pandemia da COVID-19, a guerra na Ucrânia e noutros locais, os desafios ambientais e a crise climática. Esta nova realidade teve

repercussões no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que é medido desde 1990. Pela primeira vez desde essa data, o IDH Global desceu durante dois anos consecutivos; 90% países do mundo viram o seu IDH diminuir. O Relatório destaca a incerteza crónica e estratificada à escala global como barreira ao desenvolvimento. Não sendo um fenómeno novo, o que acontece na atualidade é

que “novos níveis de incertezas estão a interagir para criarem novos géneros de incerteza – um novo complexo de incerteza – nunca vistos na história da Humanidade”.

“A conjuntura de incerteza e polarização pode ter um efeito paralisante, retardando a ação para contrariar as pressões humanas sobre o planeta. O verdadeiro paradoxo do nosso tempo reside na nossa incapacidade de agir, apesar da crescente evidência da angústia que a pressão humana, a nível planetário, está a causar aos sistemas ecológicos e sociais.” (PNUD, 2022, p. 8)

Navegar em tempos incertos exige competências a nível cognitivo e de gestão emocional para não paralisarmos perante a angústia e avassalamento que estes tempos provocam. Estar consciente sobre os nossos modos de sentir, pensar, poder, ser, agir perante estes desafios pode ajudar nesta navegação.

Barómetro: modos de sentir, pensar, poder, ser, agir em *tempos de incerteza*



Modos de **Sentir**

Que emoções e sentimentos sente perante situações de crise, incerteza ou complexidade? Angústia, impotência, ou inversamente indignação e outras emoções que impelem à ação?



Modos de **Ver e Pensar**

Qual a sua capacidade para procurar compreender a complexidade das questões, desenvolver perspetivas críticas, valorizar outros saberes, explorar alternativas?



Modos de **Poder**

Qual a sua posição no sistema de interdependências, enquanto produtor, consumidor, pensador...? Qual o seu nível de poder de intervir perante a realidade de crise, incerteza ou complexidade com que se confronta? Ou de apoiar outros nos seus processos?



Modos de **Ser**

Qual a sua capacidade de se relacionar com a complexidade e com a interdependência com outros seres humanos e não humanos e com o planeta?



Modos de **Agir**

Qual a sua capacidade de agir e criar sinergias para lidar com a complexidade e interdependência? Participa em organizações coletivas que criam caminhos atentos às complexidades e interdependências da realidade?

3

Agendas, manifestos e utopias para a construção de futuros justos

P. 37-39 *A agenda internacional da Transição Justa*

P. 39-41 *O 'Cuidado' como prática e política*

P. 40-42 *A 'Ternura Radical' como convite*

O mundo é complexo! Somos interdependentes!

Temos uma “responsabilidade visceral por tudo” (Andreotti et ali., 2019). Uma responsabilidade que é individual e coletiva. Neste itinerário, vimos que o acesso à informação é fundamental; vimos que aprender e exercitar o pensamento sistêmico, crítico e exploratório é fundamental. Mas a ação coletiva e política é igualmente fundamental e é sobre ela que nos detemos brevemente neste último capítulo.

Importa lembrar que a ação coletiva e política não é algo exterior a cada um/a de nós, mas é também ela interdependente do nível individual: no exercício do direito de voto; nas escolhas do nosso dia-a-dia que não são “independentes” do que se passa no resto do mundo; na escuta ativa e

valorização de vozes e saberes dissonantes; nas iniciativas para chamar à responsabilidade decisores a nível local, nacional ou internacional; porventura, enquanto representantes de instituições públicas; na nossa organização coletiva enquanto algo que permanece para lá de quem passa temporariamente pelos cargos de gestão, administrativos ou políticos.

A globalização, para lá dos seus limites e ameaças, contém também o potencial para a expansão e confluência de projetos coletivos. Apresentamos alguns exemplos de agendas, manifestos e utopias que incorporam diferentes vozes e saberes para a construção de futuros mais justos.

A agenda internacional da Transição Justa

Perante as crescentes evidências em relação aos impactos negativos das atividades humanas sobre o meio ambiente e, em particular, a necessidade urgente de enfrentar a crise climática, diferentes organismos de governação a nível internacional, regional e nacional têm promovido quadros regulamentares para a chamada “transição verde”. É o caso dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela ONU em 2015, do Acordo de Paris que entrou em vigor em 2016, do Pacto Ecológico Europeu (*Green Deal*) apresentado em 2019. Visa-se reduzir as emissões de gases com efeito de estufa (descarbonização) através da transição dos combustíveis fósseis para fontes de energia renováveis, adoção de métodos de produção limpos, redução da produção de resíduos, minimização da utilização de produtos químicos, conservação de recursos naturais e proteção da biodiversidade, entre outros.

A transição verde implica alterações profundas na forma como vivemos, com impactos sobre diferentes atividades, profissões e comunidades. Neste contexto, emergiu uma agenda pela “transição justa”, com origem no movimento laboral norte americano, reivindicando o bem-estar e meios de vida dos trabalhadores como centrais aos processos de transição verde. Reclama-se o cumprimento das metas globais de descarbonização da economia “sem deixar ninguém para trás”. Vários movimentos sociais ao redor do mundo têm-se organizado e constituído alianças em torno da agenda da transição justa, que reivindicam uma transformação sistémica:

“Em termos simples, uma Transição Justa é uma viragem sistémica, através de meios genuinamente democráticos, para longe da exploração, extração e alienação, e para sistemas de produção e reprodução centrados no bem-estar humano e na regeneração dos ecossistemas. A Transição Justa, tal como a concebemos, é muito mais do que uma mudança dos combustíveis fósseis para fontes de energia verdes ou renováveis. É, antes, uma transformação profunda da nossa sociedade que procura colocar a humanidade num equilíbrio harmónico com a terra, os seus sistemas ecológicos, a multitude de espécies com que partilhamos este frágil planeta – e uns com os outros. Baseia-se em sistemas e práticas socioeconómicas que enfatizam a solidariedade, a cooperação, os comuns, a partilha e o cuidado. Procura evi-

tar a competição, o conflito, a privatização, a acumulação e o hiper-individualismo.” (Akuno et al. 2022, pp. 4-5)

Este movimento salienta ainda as interdependências entre colonialismo, desigualdades, e crise climática. Tendo na sua origem a defesa dos direitos e necessidades de trabalhadores, o conceito de transição justa tem sido ampliado para incluir os direitos e necessidades de comunidades em situação de vulnerabilidade em qualquer parte do mundo. Tal como mencionamos nos estudos desta coleção sobre Justiça Social, estes desenvolvimentos têm conduzido a uma análise mais sistemática e interseccional da forma como diferentes tipos de opressão (relacionadas com classe, género, pertença étnico-racial, etc.) interagem entre si e estão incorporados no atual sistema económico, social e político.

À medida que a expressão transição justa começa a ser disseminada e utilizada mais amplamente, ela é também apropriada (cooptada) pelo sistema que ela contesta como forma de “green” ou “social washing”, passando a imagem que se está a fazer alguma coisa, sem, no entanto, tocar nos interesses instalados.

Na sua visão mais popular e ligada aos movimentos sociais, são elencados oito elementos que a Transição Justa deverá ter na prática para concretizar transformações reais (Akuno et al., 2022, pp. 32-39):

- Descolonização e a restauração da soberania dos povos indígenas;
- Reparação e restituição, perante os danos históricos causados pela colonização;
- Soluções de base ancestral e científica, valorizando os saberes e práticas dos povos e comunidades que têm vivido em comunhão com a natureza e todos os seres;
- Agroecologia, soberania alimentar e reforma agrária;
- Reconhecimento dos direitos à terra, à alimentação, aos ecossistemas e aos territórios, tratados não mais como mercadorias, mas como bens comuns;
- Produção cooperativa, social e pública, em oposição a um sistema dominado pelo lucro caracterizado por relações hierárquicas e de exploração;
- Distribuição justa do trabalho reprodutivo, reconhecendo o papel essencial deste tipo de trabalho frequentemente não remunerado;
- Superação do crescimento económico sem fim, considerando-se que uma distribuição mais justa dos bens produzidos seria suficiente para dar resposta às reais necessidades humanas.

O ‘Cuidado’ como prática e política

O trabalho doméstico e de cuidado, também designado de trabalho reprodutivo (cuidar das crianças, idosos, adultos dependentes, da limpeza da casa, etc.) é parte essencial da manutenção das nossas sociedades. Não obstante, é frequentemente um trabalho não remunerado e amplamente desvalorizado e maioritariamente realizado por mulheres. A filósofa Silvia Federici (2020) analisa as interdependências entre trabalho produtivo e reprodutivo, considerando o trabalho doméstico como chave para compreender a exploração das mulheres no capitalismo, mas também como parte da reprodução da força de trabalho ao permitir regenerar diariamente a capacidade dos trabalhadores para trabalhar.

O Manifesto do Cuidado (*The Care Collective*, 2020) parte do diagnóstico da falta de cuidado dominante na vida social, considerando que as estruturas deste sistema dão prioridade ao lucro em detrimento das pessoas. Reivindica que necessitamos urgentemente de uma política que coloque o cuidado no centro.

O cuidado é aqui entendido de forma ampla compreendendo não apenas como o trabalho de “arregaçar as mangas” feito pelas pessoas que cuidam diretamente das neces-

sidades físicas e emocionais de outros, mas também “uma capacidade e atividade social que envolve nutrir tudo o que é necessário para o bem-estar e o florescimento da vida”:

“Acima de tudo, colocar os cuidados no centro das atenções significa reconhecer e aceitar as nossas interdependências. Por isso, neste manifesto, usamos o termo “cuidado” de forma consciente para abranger os cuidados familiares, os cuidados práticos que trabalhadores prestam em lares e hospitais e que professores prestam nas escolas, e serviços quotidianos prestados por outros trabalhadores essenciais. Mas significa também o cuidado dos ativistas na construção de bibliotecas de coisas, alternativas cooperativas e economias solidárias, e as políticas que mantêm os custos da habitação baixos, reduzem a utilização de combustíveis fósseis e expandem os espaços verdes.”

O manifesto reivindica que o pertencimento, a cidadania e os direitos se organizem em torno do princípio de cuidado e não em função do lugar de nascimento, identidade ou reivindicações territoriais nacionais. Para isso, o cuidado deveria tornar-se uma responsabilidade de todos.

O manifesto estrutura-se em torno de seis eixos:

1. *Políticas cuidadoras* – que diz respeito ao direito ao cuidado; infraestruturas sociais, institucionais e políticas capazes garantir o cuidado universal, a capacidade de cuidar uns dos outros, incluindo estranhos, pessoas distantes e o mundo natural.

2. *Vínculos cuidadores* – que procuram ir além da esfera habitual de cuidado a nível familiar e de parentesco, para multiplicar o leque de quem cuidamos, como por exemplo mães não biológicas que partilham os cuidados infantis, as famílias “por escolha” na comunidade LGBTQI, ou o parentesco com seres não humanos como afirmado por povos indígenas do continente americano.

3. *Comunidades cuidadoras* – dizem respeito a redes de apoio mútuo e de organização coletiva, como iniciativas cooperativas e de economia solidária ou a agenda dos comuns, como contraponto aos sistemas sociais individualistas e competitivos que reforçam o isolamento.

4. *Estados cuidadores* – reafirmando o papel crítico do Estado para assegurar e prestar cuidados, mas baseado numa noção ampla

de pertença – sem exclusão de não-cidadãos –, de reparação e de descolonização.

5. *Economias cuidadoras* – no sentido de uma economia que inclua todas as atividades que permitem o cuidado e que desmercantilize áreas económicas chave, entre as quais o cuidado.

6. *Cuidar do mundo* – diz respeito às questões da interdependência, com destaque para a necessidade de redes transnacionais que permitam alcançar “cuidados universais”, incluindo o cuidado com estranhos e seres não humanos.



A ‘Ternura Radical’ como convite

É urgente socializar o cuidado

O coletivo angolano Ondjango Feminista dedica um informe a esta temática:

Mulheres & Cuidado. Perspectivas sobre a organização social de um bem público essencial (Dezembro, 2022).

O coletivo Gestos Rumo a Futuros Decoloniais (*GTDF - Gesturing Towards Decolonial Futures*) tem vindo a trabalhar a partir do termo Ternura Radical. Dani d’Emilia, integrante desse coletivo, explica que conheceu o termo ao trabalhar como parte do coletivo de *performance La Pocha Nostra*, sendo utilizada num contexto de cruzamento entre *performance* e pedagogia, e que ao longo dos anos foi entendendo que suas origens estão no movimento transfeminista do México.

Para honrar a genealogia da ternura radical enquanto termo e sua ativação como prática encarnada, Dani ressalta também a importância de reconhecer o trabalho radical com a ternura da artista, ativista e educadora trans Lia La Novia Sirena (MX).

Um primeiro *Manifiesto da Ternura Radical* foi redigido em 2015, por Dani d’Emilia em colaboração com Daniel B. Chavez e, desde 2018, um conjunto de

textos e materiais pedagógicos *Co-sentindo com Ternura Radical* têm sido desenvolvidos por Dani d'Emilia e Vanessa Andreotti no âmbito do coletivo *GTDE*. Deixam-nos este desafio de procurarmos descentrar dos humanos e das nossas identidades específicas e recentrarmos na Terra da qual também somos parte.

A Ternura Radical

A ternura radical nasce do movimento transfeminista do México e também ecoa em muitos corpos simultaneamente em lugares diferentes. Ressoa com muita gente, porque essas duas palavras num âmbito político e pedagógico são algo que muitas percebemos como necessárias. Precisamos ser radicais com a nossa criticidade, com a nossa coragem de 'ficar com um problema' e, ao mesmo tempo, precisamos ser muito amorosos com outres e com nós mesmas também, porque o trabalho é árduo. Quando a gente está tentando desfazer essas inserções sistêmicas e históricas que reiteram a violência, mas que na verdade são muito familiares porque nos constituem, quando a gente está desfazendo isso, ficamos muito mexides, né? Então, é fácil as relações interpessoais sofrerem disso, é fácil os movimentos políticos exaurirem a sua energia, etc. Enfim, contextualizando um pouco eu diria que mais ou menos há uma década atrás eu começo a explorar de forma mais focada a ternura radical no campo das artes performativas, usando o corpo como portal para discussões e práticas político-afetivas encarnadas. Inicialmente o recorte temporal era o desse corpo de carne, mas aos poucos isso vai se expandindo em direção a algo maior. No trabalho do coletivo Gestos Rumo a Futuros Decoloniais é muito im-

portante essa condição do gesto, porque são movimentos numa direção de algo que tem uma temporalidade muito extensa de ter se constituído e uma temporalidade extensa, infelizmente, para se desfazer. Então não é um approach solucionista, do tipo essa é a resposta para nada. São pequenos gestos que a gente pode fazer rumo a uma direção de descolonização das nossas sensibilidades mesmo. Então, ainda faz sentido para mim o corpo enquanto portal porque é através dele que a gente sente essa experiência de estar no mundo, de fazer parte de relações, mas ao mesmo tempo essa expansão da temporalidade, desse corpo que não é só um corpo de carne, que não é só um corpo humano, que não é só um corpo biográfico. É um corpo que vem de uma genealogia de gerações que sofreram diferentes processos através desse legado colonial, que carregam diferentes traumas, que vão levar diferentes gerações para transformar isso em alguma outra coisa. E essas gerações não são só humanas. A gente não está pensando só na genealogia de onde a gente vem com relação a pertença sanguínea, mas numa relação mais ampla, com seres humanos e não humanos, com outras espécies que estão no planeta e que têm realmente uma existência numa temporalidade muito diferente da escala humana. Então o que é que é a

ternura radical quando a gente se descentraliza? (...) Quando eu começo a trabalhar com a Vanessa Andreotti, no Gestos Rumo a Futuros Decoloniais, eu começo a perceber que o corpo social é parte de algo ainda maior, de um corpo metabólico: Qual a minha relação com a Terra? Qual a minha relação com outras formas de fazer política e de se relacionar que eu não era capaz de ler, ouvir ou mesmo imaginar porque elas não circulavam nos meios eurocêntricos nos quais me socializei? Então, tendo mais contato com diferentes saberes de populações indígenas, tanto do Norte quanto do Sul das Américas, através deste trabalho, aprendemos sobre essa necessidade de centrar a Terra mesmo, enquanto a relação da qual todes viemos e com a qual todes temos responsabilidade. As subsequentes relações no nosso âmbito social são totalmente importantes, mas elas não estão nunca desvinculadas dessa relação principal com o metabolismo mais amplo... Uma troca metabólica que vai-se fazendo nos diferentes âmbitos, mas um não pode acontecer sem outro. No fundo, estamos tentando operar no mundo alguma espécie de justiça ecológica e para isso precisamos de alguma espécie de justiça económica, que também precisa de alguma espécie de justiça relacional, que também precisa de alguma espécie de justiça cognitiva, que também precisa de

alguma espécie de justiça afetiva. Está tudo interligado. (...) Se a gente centrasse a Terra no lugar de centrar uma perspectiva específica, identitária, a inseparabilidade ficaria evidente, não é? Quem é que existe sem fazer parte? (Dani d'Emilia, em conversa)

Explorar mais:

Rituais de Arte-Vida para a Ternura Radical: [*ArtsEverywhere*](#).

Se desarme, se desentulhe e se descentralize.

Se integre em um metabolismo vasto, com uma temporalidade muito mais extensa que a do seu corpo humano.

Deixe-se transpassar pela dor da terra.

Entenda que o corpo da terra não é a extensão do corpo humano, nós é que somos a extensão do corpo da terra.

Posfácio

Os desafios perante a complexidade, as interdependências e a incerteza são imensos e avassaladores. São desafios de aprendizagem – literacia crítica para a interdependência e a complexidade - aprender a navegar, aprender a agir. As informações e ferramentas estão disponíveis. A EDCG enquanto educação que é e que se dedica em particular a compreender estes temas, está aí, não para definir a direção, mas para construir caminhos plurais: individual e coletivamente, local e globalmente, de cuidado radical entre seres humanos e não humanos.

Referências

Akuno, K.; Sandwell, K.; Forero, L.F.; Browne, J. (2022). From Crisis to Transformation: What is Just Transition? a primer. Transnational Institute and Grassroots Global Justice. Disponível em: www.tni.org/en/publication/from-crisis-to-transformation

Andreotti, V. (2014). Educação para a Cidadania Global – Soft versus Critical. Sinergias – diálogos educativos para a transformação social, n.º 1. Disponível em: <https://sinergiased.org/vanessa-andreotti-educacao-para-a-cidadania-global-soft-versus-critical/>

Andreotti, V., Stein, S., Suša, R., Čajkova, T., d’Emilia, D., Jimmy, E., Calhoun, B., Amsler, S., Cardoso, C., Siwek, D. (2019). Global Citizenship Otherwise Study Program. Gesturing Towards Decolonial Futures. Disponível em: <https://decolonialfutures.net/portfolio/global-citizenship-education-otherwise/>

CIDAC e FGS (2023). Educação para o Desenvolvimento nas práticas escolares - problematizando e propondo caminhos para a Formação e a Escola. Disponível em: https://fgs.org.pt/wp-content/uploads/2023/03/ReferencialED_compressao-media.pdf

Chomsky, N. (2023). “Esta inteligência artificial é o ataque mais radical ao pensamento crítico” – Entreviata a Noam Chomsky, por Ivo Neto e Karla Pequeno. Ípsilon, Jornal Público, 28 Abril 2023.

Costa, A.F. (2012). Desigualdades globais. Sociologia, Problemas e Práticas, 68. Disponível em: <http://journals.openedition.org/spp/650>

D’Emilia, D., Andreotti, V. e GTDF collective (2020). Co-sentindo com Ternura Radical. Publication Studio São Paulo. Disponível em: <https://lapubli.online/TernuraRadical.html>

Federici, S. (2020) Calibã e a Bruxa. As mulheres, o corpo e a acumulação original. Lisboa: Orfeu Negro.

Gastón, A. (coord.) (2019). Enfoque Local-Global. Dosieres de Ekimuin, Emaús Fundación Social. Disponível em: https://issuu.com/grupoemausfundacionsocial/docs/4._local_global

Giddens, A. (1994). Modernidade e identidade pessoal. Oeiras: Celta Editora.

Haelg, F. (2019). The KOF Globalisation Index – A Multidimensional Approach to Globalisation. Jahrbücher für Nationalökonomie und Statistik, 240 (5). Disponível em: <https://doi.org/10.1515/jbnst-2019-0045>

Harvey, D. (2008). Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural, 17ª edição. São Paulo: Edições Loyola.

Hobsbawm, E. (2003). Era dos extremos. O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras.

Kidder, T. (2022). Review of The Care Manifesto: The Politics of Interdependence. Gender and Development. Disponível em: <https://www.genderanddevelopment.org/book-review-the-care-manifesto-the-politics-of-interdependence/>

Krenak, A. (2022). Futuro Ancestral. São Paulo: Companhia das Letras.

Latour, B. (2020). Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. N-1 edições. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/28>

Lina, M. e Faustino, S. (2023). Confluência pela Agroecologia. Jornal Mapa, online. Disponível em: www.jornalmapa.pt/2023/05/02/confluencia-pela-agroecologia

ME – Ministério da Educação (2016). Referencial de Educação para o Desenvolvimento. Ministério da Educação. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao_desenvolvimento/Documentos/referencial_de_educacao_para_o_desenvolvimento.pdf

Moore, R. e Patel, J. (2018). A História do Mundo em Sete Coisas Baratas - Um guia sobre capitalismo, natureza e o futuro do planeta. Lisboa: Editorial Presença.

Morin, E. (2003). Introdução ao Pensamento Complexo. Lisboa: Instituto Piaget.

Pereira, L.T. (2016). Dialogando com a complexidade. Sinergias – diálogos educativos para a transformação social, n.º 4. Disponível em: <https://2013-2021sinergiased.org/index.php/revista/item/100-dialogando-complexidade>

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2022). Relatório do Desenvolvimento Humano 2021/2022. Tempos incertos, vidas instáveis: A construir o nosso futuro num mundo em transformação. PNUD. Disponível em: <https://hdr.undp.org/system/files/documents/global-report-document/hdr2021-22ptpdf.pdf>

Sassen, S. (2005). “New global classes: implications for politics”. Em Giddens, A. e Diamond, P. (orgs.), The New Egalitarianism. Cambridge: Polity Press, pp. 143-153.

The Care Collective (2020). The Care Manifesto: The Politics of Interdependence London and New York: Verso.



maio 2023

Estudo Formativo ED-Comunicar: do Conhecimento à Mobilização

AUTORIA Associação A3S
Carlota Quintão e Joana Marques

PARCERIAS

Coordenador: **ADRA Portugal**

AIDGLOBAL, Associação Par – Respostas Sociais, Fundação Cidade de Lisboa, Fundação Gonçalo da Silveira, Instituto Marquês de Valle Flôr, Mundo a Sorrir e Rosto Solidário.

COFINANCIAMENTO

Camões | Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.

DESIGN GRÁFICO

Ridesign

FOTO DA CAPA

“Teeter-Totter Wall”, Designers: Ronald Rael, Virginia San Fratello, Rael San Fratello; **Fotografia: Ronald Rael e Virginia San Fratello**
| Exposição “Designing Peace”, Cooper Hewitt, Smithsonian Design Museum.

